

N.
65

© RISO

Prezzo
\$200

AGOSTO

6/8



ROMANCES DA NOSSA ESTANTE

ESTÃO À VENDA :

Album de Cuspidos 3ª Serie 1\$000 »
A Família Beltrão... 1\$500 »
O Chamisco... 1\$500 »
Variações d'Amor. 800 »
Comichões..... 800 »

Como ellas nos enganam... 600 réis
Um a Victoria d' Amôr..... 600 »
Horas de Recreio..... 600 »
Barrado..... 600 »
Velhos gaiteiros 500 »
.....

BILHETES POSTAES

Luxuosa e artistica collecção de bilhetes postaes.

Um. 200 réis
Seis.. .. 1\$000 »
Pelo correio. ... 1\$500 »

O CHAMISCO ou *O querido das mulherès*
Preço 1\$500 — pelo correio 2\$000

No proximo mez

6 sensacional romance de actualidade

ENTRA, SINHÓR!...

cinco nitidas e deslumbrantes gravuras.

PREÇO 1\$500

PELO CORREIO 2\$000

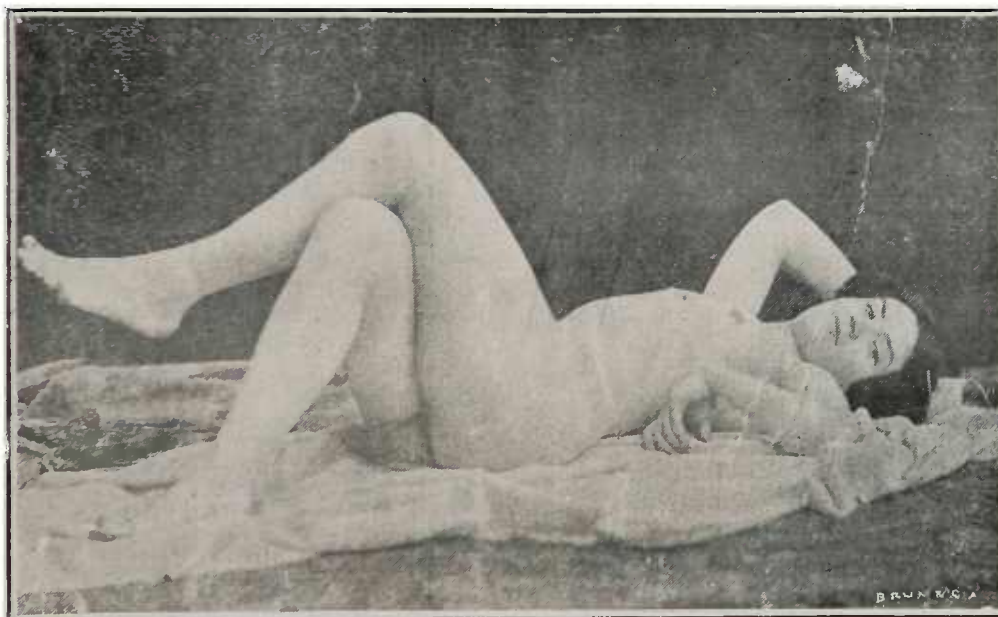


Semanario artistico e humoristico

NUM. 65

Propriedade : A. Reis & C.

ANNO II



CHRONIQUEIA

Si bem que não seja nenhuma novidade, são as *cavações* o que mais em moda está agora. Todo o mundo cava, e cada qual trata de cavar a melhor enxada ou picareta com que pretende cavar aquillo com que se compra os melões, e a que o vulgo chama *arame*.

Agora, por falar em *arame* e em *cavação*, saberá o leitor dizer-me o que foi feito daquella quantia que se diz ter sido *cavada* pela policia nas mattas do Andarahy e do Sumaré, e que agora não apparece ?

Não sabe ? Pois nem eu ! Talvez criasse azas...

As más linguas dizem que de facto foram cavados quasi 800 *contécos* dos 1:400 *ditos* surrupiados pelo desgraçado

Barata e ali enterrados. Como diabo só apparece agora uma terça parte dessa invejavel maquia ?

Sim, senhor ! foi uma bella *cavação* a das latas... e que pena que eu tenho de não poder *cavar* tambem o meu, nesse negocio da China !...

* * *

Emquanto por um lado, na Camara, o deputado Serzedello e outros pintam patrioticamente a má situação financeira do paiz, provando á sociedade que a Nação está a beira de um abysmo no que diz respeito a credito, por outro lado o mano *Jangote* procura desmentil-os pretendendo tapar o sol com a peneira, dizendo que isso não é verdade, que o Brazil nada em rios de dinheiro e que nunca houve tanto *arame* nas suas arcas,

O Piso

Deve ser isso, deve, o sr. Serzedello e os que o acompanham não sabem o que dizem; são uns ignorantes e entendem tanto de finanças quanto o *Jangote* entende de chinês. A razão está mesmo com o *leader* da maioria: o Brazil tem tanto dinheiro que, para não o pôr fóra, até paga 100\$000 por dia aos srs. deputados, para não fazerem coisa alguma. E viva a pandega!

E o que diz o leitor á idéa do arrendamento da Central do Brazil? Não lhe parece mesmo uma idéa digna de luminarias ao grandissimo *talento* de quem a teve?

Não faltava mesmo mais nada do que arrendar a principal via ferrea do paiz, para que o estrangeiro se locupletasse com a sua renda brutal, que esse conde papalino que a *dirige* só tem sabido fazer *evaporar* como por encanto...

Uma idéa: porque é que em vez da Estrada não arrendam o conde? Era um bom meio de o afastar d'ali e de fazel-o render alguma coisa, para pagar os prejuizos que tem causado.

Citaram as chronicas policiaes o caso de um guarda civil haver mettido o pau, isto é, o S. *Benedicto*, na propria esposa, que por esse motivo se foi queixar á policia.

Muito ingenua é essa senhora, na verdade!

Pois então ella julgava mesmo que o tal pausinho foi mettido nas mãos de seu marido apenas para cahir sobre o lombo dos outros, isto é, para ser apenas mettido nos costados de quem seu marido prendesse?

Está enganadinha da *silva* si assim pensava. Si elle fazia isso com qualquer pessoa, com mais razão podia fazel-o comsigo, porque é sua mulher, e um marido pôde metter o pau na mulher as vezes que entender e tiver vontade, ora essa!...

Occorre-nos a lembrança uma quadra que o impagavel actor Alfredo Silva cantava numa revista qualquer, com a toada do — O' abre alas, que eu quero passá — e que era mais ou menos assim:

Ha uma coisa
Que me faz chorá,
Caco de vidro
No meu carcanhá...

Vem esta citação a proposito de uma pisadela que o cidadão Francisco Silva

deu sobre o caco de uma garrafa, em Copacabana, justamente na occasião em que passava pela casa da namorada, e cujo caco lhe deixou o calcanhar em pantana, a escorrer *melado* em penca, e lhe estragou toda a figura diante da «pequena».

O *seu* Silva ia naturalmente todo babado pelo olhar da sua *Ella*, que estava á porta de casa, quando por seu azar, záz! arrumou o *carcanhá* mesmo em cima do caco de garrafa, que lhe borrou toda a pintura.

Não sabemos si elle chorou ou si cantou a quadra citada; agora, o que é quasi certo é que elle não torna a passar pela casa da «pequena» com *sapato* de cachorro...

Já na nossa ultima *Chroniqueta* fizemos um commentario a proposito de um pandego que havia mordido o dedo pollegar de um camarada qualquer.

Temos para hoje um outro, o Felipe Faustino, que pelos modos é tambem um mordedor valente, que o diga o Gaspar Fernandes d'Almeida, que foi quem lhe sentiu a força dos dentes no couro cabeludo, quando se travou de razões e chegou a vias de facto com o gajo.

Mas, francamente, o *seu* Faustino não podia ter escolhido outra parte do corpo de seu contendor para ferrar-lhe os dentes? Pois havia logo de morder a cabeça do Gaspar!...

Emfim, são gostos... e gostos não se discutem.

Deiró Junior.



Gravuras, Clichés e Ornamentos

PHOTOGRAVURAS
PARA ÍLLUSTRAÇÕES DE LUXO

Luiz Brun & Comp.

20, RUA SARA, 20

Telephone Central 2218

RIO DE JANEIRO



EXPEDIENTE

Toda a correspondencia para

“O RISO”

deverá ser remetida á sua redacção á

RUA DO ROSARIO, 99 — Sob.

Telephone 3.803.

Tiragem. 19.000 exemplares.

Numero avulso.. 200 réis

Nos Estados... 300 réis

Numero atrazado 300 réis

ASSIGNATURAS

ANNO

Capital. ... 10\$000

Exterior.. ... 12\$000

De regresso

A bordo do transatlantico *Regina Elena*, regressou da Italia, quarta-feira ultima, onde fôra a passeio, acompanhado de sua exma. esposa, nosso prezado amigo Sr. Enrico Tocci, estimado distribuidor de jornaes n'esta capital, inclusive d'«O Riso».

O Gloria, como todos o conhecem, ha um anno que se achava fôra d'esta cidade que elle tanto estima como si fosse sua propria terra.

«O Riso», sentindo-se feliz com a chegada de seu bom amigo, estreita-o nos braços desejando-lhe innumeradas felicidades.

Recebemos de Pernambuco communicacção de que o Sr. Thomé Gibson, perdão, Thomé Catraia, vae fundar uma ordem religiosa da qual será o abbade.

Santa hypocrisia !...

Que atirador !...

Era uma perola, o Dias !
(Não falsa, mas de verdade)
E, aos trinta e *pico* de idade,
Seu Dias, findou seus dias !...

No *petit salon* de visitas,
Disposto em camara ardente,
O extinto, piedosamente,
Chorasas, velam, constrictas :

A viuva, a *Dona Marquinhas*
—Em lastimoso abandono—
Cercada por seis visinhas...
Ferradas, todas, no somno.

E alguns amigos, parentes,
Credores e conhecidos,
Bem por demais commovidos...
Por *mata-bicho* frequentes...

.....
E, cada qual mais exalta
Os dótes do fallecido :
—Mas, que irreparavel falta !...
Um moço tão conhecido...

—Tão sério... Amigo da paz...
—Tão elegante e bonito...
—E... que bondade ! Incapaz
De fazer mal a... um mosquito !...

Ai !... Quanto a isso (interrompe,
A viuva, lá do seu canto;
Suspendendo, um pouco, o pranto,
Que, em catadupas, irrompe

Dos olhos seus, tão maganos)
Quem melhor póde dizê-lo ?...
Não me tocou, em dez annos
De casado, em... um só cabello !...
.....

E um seu compadre, o Faria,
Convulso, põe-se de pé,
E diz :—Caramba !... Já é !...
Que acêrto de... pontaria !...

Escaravelho.

A' VENDA

O Album 3^a série
da Bibliotheca de Cuspidos
Linda collecção de 8 bellissimas gravuras.
Preço 1\$000 —::— Pelo correio 1\$500

Films...

Lauro Müller



O nome de S. Ex. o Sr. Dr. Lauro Müller, actualmente Ministro do Exterior, em substituição ao saudoso Rio Branco, é indiscutivelmente um nome consagrado na política nacional, em virtude dos patrióticos serviços que S. Ex. tem prestado ao Brazil que carinhosamente também vai recompensando os esforços deste seu filho illustre collocando-o,

dia a dia, nas posições mais altas da nossa querida Patria.

O Sr. Lauro iniciou a sua vida na Escola Militar, ali na Praia Vermelha, saudoso tempo em que a rapaziada dessa Escola brincava a valer, mas sem abandonar os seus estudos.

Foi de lá que sahiram os grandes generaes e as grandes capacidades como: Benjamin Constant, Mamude, Floriano, Mendes Moraes, Moreira Guimarães, Lino de Andrade, Serzedello Correia e outros.

O Sr. Lauro é filho do Estado de Santa Catharina, e segundo dizem, descendente de uma familia allemã, tendo, por conseguinte, nas veias, o sangue de allemão.

Na Escola S. Ex. fez uma estréa brilhante, porque satisféz plenamente os exames exigidos por lei para admissão. De modo que a sua quadra de «bicho» foi curta, passando S. Ex. para a classe dos alumnos do curso superior, onde caprichosamente, estudando com amor, conseguiu collocar nos seus punhos de joven o galão de Alferes alumno. Os seus collegas, ao verem S. Ex. assim tão disposto na luta pela vida, alcançando tão cedo aquillo que para muitos era tão custoso, conseguír o galão de Alferes alumno, diziam entre si: «Pois não é que o «Barriga Verde» nos passou a perna!»

«Barriga Verde» era o appellido que nesse tempo davam a S. Ex. Na referida Escola Militar todos tinham o seu appellido, por isso o Sr. Lauro teve também o seu baptismo, e se a escolha de appellido foi o de «Barriga Verde», é porque, diziam os seus collegas: sendo S. Ex. filho de Santa Catharina, devia ter a barriga verde de comer bananas e enchovas. E' o que diziam para justificar o baptismo pilherico.

O tempo foi correndo até que S. Ex. surgiu como major Engenheiro, com o seu anel no dedo e com quatro galões no punho.

Não necessitava mais estudar, estava feito o seu futuro.

Foi quando a politica veio procural-o, afim de pedir o seu concurso de patriotismo e de illustração, offerecendo a S. Ex. um Ministerio.

Ora, como Ministro da Industria, o engenheiro Lauro Müller, conquistou logo a admiração publica pela maneira patriótica e justa com que ia cumprindo o seu dever.

Ao deixar S. Ex. a pasta, recebeu do povo carioca, a manifestação mais carinhosa que um homem pôde imaginar.

Foi dahi em diante que S. Ex. começou a subir mais, no conceito publico e nas posições que a sua boa estrella ia illuminando nessa estrada da vida politica. Depois S. Ex. foi premiado pelo seu prestimo, com uma cadeira, ali no edificio que antigamente servira de palacio do mui digno e fallecido Sr. Conde dos Arcos.

Desta cadeira, porém, o Sr. Lauro foi transferido para uma outra ainda melhor, que se achava então desoccupada no palacio Itamaraty.

Hoje S. Ex. é o nosso chanceler, amanhã será o Presidente da Republica, a unica posição que falta para S. Ex. completar a sua carreira gloriosa.

Se S. Ex. fosse allemão talvez não conseguisse tanto, segundo diz o vulgo: «Eu não sou allemão, pois todos comeni e eu não.»

Continuae a ser brasileiro, Ex. Sr., porque o Brazil confia muito em V. Ex.

Chaleira.

—O Thomaz Delfino quer a reforma da orthographia.

—Pudera! E' para que o Rapadura consiga escrever com acerto.

O Piso



Os 1.400

Nesse negocio do caso do roubo dos caixotes do «Saturno» de que a policia descobriu um dos autores, graças a um assassinato imprevisto, ha muita cousa a notar e algumas engraçadas.

No numero destas ultimas não estão de certo a do assassinato, nem do triste fim de Barata Ribeiro.

Ao contrario, alguma coisa de tragico paíra sobre elles e a gente sem querer pensa na famosa Fatalidade.

Os dois estavam marcados por ella; eram dois *caiporas*. Um tinha de morrer assassinado por um simples movimento de curiosidade e outro, seguramente possuidor de um thezouro, bem nascido, educado, tinha de parar na cadeia como ladrão e assassino.

O que ha de engraçado, porém, é a analyse da serie de confissões de Barata. Na primeira vez, elle nega tudo; na segunda, accusa Celestino e seu irmão, Prates e outros; na terceira, innocenta est s, dá informações positivas e accusa outro.

Porque accusou Celestino, etc. Combinem estas duas coisas: a autoria de Celestino era a versão policial e foi quando Barata confessou essa autoria que surgiu a accusação de o terem torturado.

A coisa não dá agua pela barba?

Que motivos determinantes e fortes teria elle de accusar Celestino, etc., antes de accusar o tal Murillo?

Para elle, seria indifferente; e para a policia, representada torquemadescamente pelo tal escrivão Hygino, seria?

Toda a gente sabe como a vaidade profissional é coisa poderosa nos espiritos dos funcionarios de uma certa ordem. A Policia, quando scisma que um sujeito praticou tal delicto e recebe *contras* na sua vaidade, *estofa-se* por desmentir os seus interdictores. Acontece isso tanto com a policia, como com qualquer outra ordem de funcionarios; mas nós não queremos tirar nenhuma conclusão dessas simples observações.

O caso do encurtamento dos *cobres* é outra coisa engraçada. Vejam os senhores só!...

Os policiaes cavaram por toda a parte, fizeram mil buracos, acharam não sei quanta latas e, no fim de contas, encontraram só cerca de mais de duzentos contos; Barata cava um maior buraco e descobre cento e poucos.

E' que os buracos da policia são menos fecundos?

Emfim: o inquerito foi feito em segredo e o segredo, segundo diz o povo, é alma do negocio.

—E o Figueira?

—Perdeu o logar de amanuense e não chegou a deputado.

—Antes assim.

—Porque a Central mata tanta gente?

—O motivo é simples. O Frontin é do partido do Rapadura e você sabe que elle precisa de mortos.

A Familia Beltrão

Interessante romance da vida real

PREÇO : 1\$500

PELO CORREIO : 2\$000



Pedido a A. Reis & C.—Rua do Rosario, 99

O Riso

Premières

*SONHO DE VALSA—
Opereta em tres actos, de
Dörman e Leopoldo Jacob-
son, musica de O. Strauss
e adaptação de Ozorio Du-
que Estrada.*

A Empresa Julio, Pragana & C^a., do Cinema Theatro Chantecler, sempre interessada em agradar os frequentadores do elegante theatrinho, deu em primeira representação, sexta-feira ultima, a delicada opereta *Sonho de Valsa*.

Não precisamos dizer que apanhou uma casa á cunha, principalmente na primeira sessão, cuja lotação foi esgotada. Infelizmente a segunda sessão teve um incidente bastante desagradavel, graças ao pouco caso com que são tratadas nossas posturas. O espectáculo esteve interrompido cerca de dez minutos por falta de luz, dando occasião a que alguns espectadores se retirassem. Seria bom que a empresa, que tanto se tem esforçado, procurasse um meio de evitar semelhante inconveniente. Mas, deixemos isso entregue aos fiscaes e passemos a dizer alguma coisa sobre o desempenho da peça.

Coube á Sra. Ismenia Matheus o papel de Franzi, que o desempenhou bem, obtendo de vez em quando calorosos applausos.

A Sra. Lili Cardona conduziu-se com certo acanhamento, mostrando-se pouco senhora do papel que lhe fôra confiado. Davina Fraga, que fez a condessa Frederica, sahiu-se a contento e se não fossem suas constantes desafinações seria merecedora dos mais francos elogios.

Luiz Paschoal conduziu-se regularmente, apesar de não saber o papel, chegando mesmo a mastigar algumas palavras. Como a Sra. Davina, desafinou algumas vezes, e isso porque quiz fazer mais do que a voz lhe permittia. João Ayres, Martins Veiga e A. Dias não desmereceram o trabalho de seus companheiros. Mendonça e Bastinhos, si bem que em papeis secundarios, fizeram por agradar.

A orchestra, como sempre, sob a direcção de Costa Junior, e dizendo isso não precisamos fazer referencias.

Scenarios bons e guarda roupa luxuoso.

Na adaptação feita pelo Sr. Ozorio Duque Estrada, apenas notamos algumas piadas um tanto fortes apesar de serem recebidas com boas gargalhadas.

Em resumo, a peça agradou bastante e a noite de sexta-feira passada foi mais um triumpho para a empresa do Cinema Theatro Chantecler.— **A R.**



O "arame" dos caixotes

O caso dos caixotes de dinheiro,
Já estava quasi entregue ao esquecimento
Para a policia a coisa era um tormento
Não descobrir do «arame» o paradeiro.

Até foi consultado um feiticeiro..
Mas... o acaso que tem muito talento,
A «massa» achou n'um tetrico momento,
Debaixo do cadaver de um carteiro.

De rico ficou pobre o tal Barata;
Desse perdido o achado elle perdeu,
Pagando cara a sua grande «rata».

O seu dinheiro todo appareceu,
Sem que escapasse ao menos uma lata,
Das quaes «algum» já desapareceu.

Edglobo.

Já está á venda

O CHAMISCO
OU
O querido das mulheres

Prego 1\$500

Pelo correio 2\$000



PANTHEON DOS

«IMMORRIVEIS»...

Mal imaginavamos nós, ao iniciarmos esta secção em nosso ultimo numero, o successo estupendo que lhe estava reservado ! Tão grande foi elle, que hoje não temos mãos a medir nem espaço bastante para attender ao pedido que nos fizeram diversos *puetas* para «honrarmos com as suas *modestas* producções» o nosso «Pantheon»...

Ora, sendo o nosso «Pantheon» relativamente pequeno para conter de uma só vez todos os «*Immorriveis*» que a elle fazem jús, iremos dando entrada aos cujos, respeitando a ordem da chegada, tal qual se faz nas casas de barbeiro, que é para não haver *encrenca*.

Por hoje apenas entram os *poetastros* abaixo, cujas *producções* se seguem, sem alteração de uma virgula. Eil-as :

Sonho

Eu vi-te em sonhos numa noite linda
Em que tu ias palmilhando os ares,
Cheia de ti, em aurea berlinda
A meditar em languídos pensares.

Eu te seguia triste, lembro ainda
Sem tu em mim ao menos reparares !
Depois tu te sumiste pela infinda
Ecuridão da noite envolta em gazes !

Nisto acordei ! No meu leito de palha,
Envolto no lençol, alva mortalha,
Suspirei por ver-me ali tão só...

Quem me dêra Luiza nesse instante
Ao meu lado *te ter*, como amante...
Mas tu és má e de mim não tens dó.
S. Paulo, 9—8—912.

EDUARDO GOMES.

Pois você, *seu* Eduardo, abalou-se mesmo a escrever tamanha pouca vergonha para nos mandar, assim com todo esse descaramento, e de tão longe ? Olhe que já é ter coragem p'ra burro, como dizem os seus conterraneos !

Porque é que você, ao acordar no seu leito de palha, e estando ali com um *verme*, tão só, não tratou de comer a referida palha, em vez de descrever o seu sonho ?

E você ainda quer que a *sua* Luiza tenha dó de si, *seu* coisa ?... Ora vá se *catar* !

*
**

Segue agora a segunda *obradela* que, ao que parece, sahiu do bestunto de um *vate*, cujo habito é viver contando as taboas do tecto... sendo além disso um grande apreciador daquelles bolinhos de tapioca, que fazem as bahianas, e cujo nome sabe o leitor muito bem...

Peito opprimido

Meu pobre peito, meu pobre peito
Tu soffres tanto oh ! que penar !
E é só por *Ella*, por seu respeito
Que te definhas até findar !

Meu Deus que magoa, meu Deus que magoa
Que torturante que é meu viver !
A imagem d'*Ella* gravada eu trago-a
Dentro em meu peito até eu morrer !

Porque és ingrata ? Porque és ingrata ?
Ouve um momento o gemido meu !
Se me desdenhas, a dor me mata
E adeus um peito que feneceu !»

J. MARTINS.

O que diz o leitor a isto ? Que lhe parece esta *b'leza* d'hortaliça ? Pela nossa parte, ao lermos a *poésia* ficamos tão *inspirados* que immediatamente pegamos da pena e produzimos a quadra abaixo :

E' um *talento* dos de respeito
Este *pueta* maravilhoso !
Mas, si não trata da «dor do peito»
Por certo acaba tuberculoso !..

E acaba mesmo, não ha que ver ; porque o camarada allia ás qualidades de *bersejador* a de *lunatico*...

Para fechar a rosca, isto é, para fechar, por hoje, a vasta *porteira* do «Pantheon»... vamos dar ao leitor o prazer de apreciar o *soneto* que se segue, o qual, embora não sendo uma chave de ouro... é entretanto uma respeitavel *tranca* fabricada pelo *Immorrivel* que a subscreve :

Saudade

Deixou-me triste e macambuzio
A bella que eu adorava,
Pois afogou-se num rio
A joven que eu amava.

Conheci ella num passeio
Que uma vez eu dei com um amigo,
Hoje com todo este aneio
Estou qual murcho figo.

Como é triste viver assim !
Como devo dar conta de mim
Com tanta infelicidade !

Assim é impossivel viver !
De desgosto eu vou morrer
Pois é enorme a saudade !»

JOSÉ M. DOS ANJOS.

Este *seu* Anjos é mesmo um gajo levado de todos os diabos, pois não é ? E com que desfaçatez ainda pergunta como deve dar conta de si, o malandro !

Olhe, *seu* Anjos, si você está mesmo «murcho como um figo» é porque já não dá mais nada... e nesse caso, para você matar de vez a saudade e não amolar mais a humanidade com os seus *bérsos*, vá ao rio em que se afogou a sua bella e... afogue-se tambem. E' o melhor que tem a fazer.

O Piso

Um ardil

Aquelle quarto era uma especie de albergue nocturno da bohemia artistica e litteraria daquelle epocha.

Não havia rapaz que lidasse com a penna e o pincel e não tivesse moradia, que para lá não fosse dormir.

O proprietario era um poeta de barbas nazarenas e gravata á la Vallière.

Muitas vezes não conhecia os seus hospedes, mas isso não o incommodava, porque a moral do hohemio é esta: quem tem, dá.

Acontecia muitas vezes que, indo lá dormir algum menos avisado, ao conciliar o somno tinha dois companheiros e, ao amanhecer, via uma serie de dez, quinze, corpos nus, ajustado um ao outro —o que dava ao chão do quarto, muito pequeno mesmo, o aspecto lamentavel de valla commum.



Num quarto assim, tão frequentado e certamente muito mal varrido, não podia deixar de possuir uma fauna de insectos sequiosos de sangue humano.

Os mais inoffensivos eram os pernilongos; mas havia pulgas singularmente sugadoras e percevejos vorazes.

O somno dos bohemios, quando não é desinteressado desses freguezes do nosso liquido vital, faz-se pesado á custa de ingredientes que os botequins fornecem, de forma que todos aquelles rapazes não davam pelos minusculos depredadores que cohabitavam com elles.

Desprezavam-nos soberanamente e dormiam como reis em suas camas de colchões macios.

Havia um, porém, que não se conformava com a coisa e defendia a todo transe o liquido que corria nas suas veias.

Talvez por não ser bem artista é que assim procedia e procurava fazer um macio leito de malas para melhor se defender.

Entretanto, mesmo assim, os percevejos o perseguíam e, então, elle fazia no chão e em torno das malas, um cordão isolador de pó da Percia.

A medida deu bons resultados nos primeiros dias, mas, ao fim da semana, com dolorosa surpresa sua, elle descobriu que era sugado.

Redobrou a quantidade de pó da Percia, afastou mais da parede o delicioso leito de mala e... continuou a ser sugado.

Com a paciencia de um consummado entomologista, começou a estudar os costumes dos insectos inimigos e, após alguns dias, descobriu que os percevejos sahiam pelas grades, andavam pelo tecto e se deixavam cahir justo em cima delle.

Contra essa chuva curiosa, elle achou logo um ardil protector: abriu sobre o seu leito dois ou tres velhos guardas-chuvas, ou melhor: dois ou tres guarda-percevejos e conseguiu dormir em paz.

Oiê.



—O Marechal é um homem muito feliz. Houve o bombardeio da Bahia e logo em seguida a morte do Barão, para distrahir a attenção do povo; houve o desastre da Central e logo em seguida, o caso do Andarahy. E' ou não feliz?



— Então, Felisberta, o que é feito de ti; como tens passado?

— Muito mal, Aurelia, muito mal devido a um *esfriamento* terrivel que apanhei...

— Tu é que és a culpada disso... Si fizesses como eu, que uso sempre o *Mucusan*, estavas preservada dessas coisas...

O PISO.

Um namoro interrompido

O grammatico Segadas era o homem mais exigente deste mundo em materia de coisas de linguagem. A menor infracção na grammatica, quer quando a lingua fosse falada, quer quando escripta, punha-o furioso e o fazia soffrer enormemente.

Se elle ouvia dizer a alguém: *prendi elle* ou *quejanda*, ficava logo colerico e corrigia. Se lhe diziam *asseguro*, Segadas emmendava furioso: não é asseguro, é garanto.



Era elle assim dos taes que não deixam passar camarão por malha e não havia dia em que elle não lesse dois enfadonhos compendios, tres classicos mais enfadonhos ainda e o cace-tissimo Padre Vieira.

Vivia muito modestamente dos recursos modestos de suas lições e tão absorvido vivia na grammatica que não se lembrava de amar.

Venus, porém, é uma deusa vingativa e, lá do Olympo, enxergou na castidade do professor Segadas, uma injuria a sua magestade.

Mandou que seu filho o ferisse e, em breve, Segadas achava amor numa sua companheira de bonde, quando ia para a cidade.

Não era lá uma belleza, mas, Segadas que não era tão exigente nessas coisas como em grammatica, achou a pequena immensamente interessante e poz-se a namoral-a.

Tanto fez que a pequena deu-lhe corda e Segadas puxou as regras mais sabias do Coruja e escreveu-lhe uma carta.

A pequena não tardou em responder e nestes termos:

«Meu caro sinhô. Arrecebi a sua carta e tive prazê .em sabê que ama a mim.

Não sei si lhe poço já dizê que amo o sinhôr tam beim, mas é poçivel que más tarde eu ame o sinhô. Se nós conversasse mais ademorado talvez eu esplicasse milhó, mas assim por iscripto é impoçivel. Amanhá, pela boca da noite espero que o sinhô venha falá cumigo nu portão. Adelia.»

Quando Segadas recebeu essa carta, não se conteve e, a muito custo, pois estava furiosissimo, pôde assim responder:

«Minha senhora. A sua carta é uma indecencia. A sua orthographia é peor

do que a da Academia. Recuso a afeição de quem offende dessa maneira a grammatica. Passe muito bem. — Segadas.»

Adelia chorou, mas Segadas exultou com o seu gesto decisivo.

Venus vingou-se, pois elle morreu muito velho, miseravel e abandonado.

Hum.



Idede critico...

...E eu ver assim desfeitos, num momento,
Aquelles mais que esplendidos castellos:
— Visões ideaes de Amor, doces anhelos,
Que no ar ergueu meu louco pensamento:

Por um consorcio... apenas de espavento;
Que, da existencia tua, os dias bellos,
Vae transformar em magoa, em soltimento...
— Férrea cadeia de inquebraveis elos!...

Em meio á dor profunda, a que me opprime
O peito, eu penso em commetter um crime...
E, a tal fazer, todo meu ser se move...

Mas, ao supplicio atroz que me vae n'alma,
Um pensamento, após, subito, acalma:
— Teu velho, vae fazer sessenta e nove...

Escaravelho

O Riso



FILMS... COLORIDOS

Disse-nos o Natal Kiosqueiro, que o Cartola está também com vontade de comprar um *peignoir* na casa Storino, mas em seu nome... para por sua vez oferecer-o á *modesta* diva dos seus sonhos...

O que dirão a isto o Tavares *girente* e o Eduardo guarda-livros?

— Segundo nos informam, a Otilia Cotinha, do Chantecler, tem gosado ultimamente umas deliciosas horas na *Praia Grande*...

Será verdade ou simples perversidade do comico Bastinhos?

— Diz o *galão* Mattos Intrumencias que não sabe a razão porque aquella *Poeira* das "Pomadas e Farofas" aparece agora de calção.

Pois sabemol-o nós : é por exigencia do *capitão*...

— Affirmou-nos a Sylvina que o S. Domingos apesar de pontificar aqui na terra, procura ou procurou elevar-se a uma *celeste* região...

Mas, que má lingua que a Sylvina nos sahiu!

— Pelo que nos disse a Altavilla, a Candinha teve que rodar do Rio Branco para o Pavilhão por causa de umas intrigastecidas em torno do seu nome pela Leontina Entra na Fôrma.

Não acreditamos. A Altavilla é que está agora fazendo intriga...

— A Trindade Zaz-Traz pediu-nos para chamarmos a atenção de quem competir, para a escandalosa fabricação de *azeite* a que se entrega a Sylvina, em pleno palco.

A Trindade nada tem com isso, deixe a outra cavar a vida honradamente...

— Diz o Campos Camarão Secco que o Pinto Filhote está agora aproveitando a folga da Candinha, para atirar-se a uns outros *pegoes* do Rio Branco.

Cuidado, *seu* Pintoca! olhe que se a Candinha descobre a marosca, temos chinfrim!

— Ao que consta, o Armando Estomago de Avestruz tem mesmo que cumprir a promessa feita á Ida Nariz Postiço, porque a *Zinha* tem-se portado ás mil maravilhas.

Agente firme, *seu* Armando.

— Não é exacto que o Antonio Le Bargy, do Chantecler, se tenha tornado fervoroso devoto de Baccho, por causa da Marietta, conforme nos disse o Vianinha.

Ainda se fosse por causa da Otilia, podia ser...

— Ha quem affirme que a Julia do Rio Branco está prestes a praticar para "commissaria de policia", devendo ter exercicio no 12.º districto...

Então passará mesmo de *censora* a commissaria?

Operador.



— O Laet está se batendo contra o divorcio.

— Está ahi um homem que é coherente comsigo mesmo. Laet sempre foi pelo ajustamento ou pelo ajuntamento e nunca por separações.

O Riso

Theatro d' "O Riso"

Tumulo desfeito

(Poesia tragi-comica)

Por entre as campas de um cemiterio
Surgia uma sombra pavorosa
Tremula e com gestos violentos...

(Pausa)

Esqueci-me; verso não é prosa!

(Declama)

Vou principiar de novo.

Por entre as campas de um cemiterio
O morcego esperava a escuridão;
Então eu, com medo desse bicho
Escondi-me na campa de um barão.

(A' platéa)

Os senhores desculpem; eu ainda não comeci a recitar a poesia.

(Depois de pausa)

Por entre as campas de um cemiterio
Passeava alegre uma coruja,
Que esperando a hora dos finados
Recebia delles a roupa suja.

(Declama)

ora bolas! Não posso recitar sem ponto. (Ao ponto): O senhor faz-me o favor de pontar esta poesia?

Por entre as campas de um cemiterio
Uma horrorosa caveira eu vi!
Chamava-me com o braço descarnado
P'ra beber um trago de paraty!

(Furioso, ao ponto)

Bolas! outra vez? Isso não está escripto ahi! Dê-me a poesia.

Por entre as campas de um cemiterio
Fulminava pequeno vagalunie;
O medo de mim se apoderava...

(Declama)

Esta é a poesia de que tenho mais ciume. Agorra vae, vae.

Por entre as campas de um cemiterio
O medo de mim se apoderou;
O medo de mim se apoderou...

(Declama)

Esta poesia é bonita mas já acabou.

(Sáe).

N.º 1 PONTA DE CORTIÇA



FATIMA
EGYPCIOS

CIGARROS
MARCA VEADO

N.º 2 PONTA DOURADA

✻ ✻ Luxuozamente preparados para o Bello Sexo ✻ ✻



Cartas de um Matuto

Capitá Federá, aos 12 do meis de Agosto de 1912.

Inlustre seu Redatô.

Noço Sinhô teja com vosmeçê e toda a sua famia, depois é o mió dos meus dezejo.

Ora, depois, meu sinhô, o noço Pais ta caipóra, ta infelis, ta desgraçado.

Pru tudo quantu é pontu du noço Brazi, tão rico, tão fermoso e tão grandi, dizimboca a infricidade que sem piadade e sem dó, vai firindo o coração da noça terra que diviria tê otra sorte.

Aqui, é a ladrueria escandaloza açalando os cofres publico; ali, são os açacinato, os firimento, que prodús diaramenti vitimas e mais vitima; acolá, são catastrofi constante que se dão-se todos os dias na "Centrá do Brazi"; ficando todo eçe bandão de horror sem uma previdença siqué du governu qui observa tudu iço sem dá nem um paço. E o povu qui sofra, qui gema, qui morra!

Alem deça prucição de agunia qui paçeia noiti e dia pru as ruas da cidadi afugentandu a pupulação qui já tem mêdu de tomá acentu num bondi e num trem, e de sahi na rua, á noite, pru via das balas açacina qui anda cruzando pru o ispaço, ha ainda otras cozas mais vergonhoza.

A Cambra, pru izempro, qui devêra sê uma caza séra onde os *noço arrepresentantis* são abrigado a trabaiarem pelo intereçe du povu e da Patra, é atualmenti uma ispeci de "Cafê-cuncertu", tá a variedade di izibição qui se fais ali. O véio Diputadu Cerzedélu ta pintandu a "manta". O Brandão e o Afrêdo Sirva, os dois atô de triatu qui nós temu, qui, são mesmo dois caibras marvado di premera na pilera e na graça, não ganha o *seu* Cerzedélu, tá as piada cheias de macaquice qui sua incelença tem dito na "Cadeia Véia", com as quais, tanta gargaiada tem arrancadu das galerias, onde istá o "Zé Povinho", e mesmo do recintu, ondi istão os seus colega qui se iscangaiam de sirri.

Vem mesmo a "taiu de foici" falá do projetu dus Diputado: Florianu di Britu e Nicanô du Nacimentu.

O premero cum cirteza istava má cum a sogra, la delle, quandu aprezintô a "lei du divorço", pru iço, eu achu qui elle hoji, cumo já feis as pazis cum a dita

cuja sogra, naturamenti devi tá arripindido da asnera qui praticô; o sigundo, não, eu apoiu de coração, pruguê, a respeito de muiê, elle diz: "Tarvez te creva". Quem é qui não conhece a paichão do *seu* Nicanô?!

Pru iço, é justu qui elle faça eça guerra as muieris.

Apois, se ellas tão abiscoitandu o *deretu* dus homis!

Otro dia eu uvi uma dizê pra um homi qui tava paradu na porta della: "Não se isqueça di mim, seu Guvêa, eu quero sê gente nas proxima inleição"

Pau nellas, *seu* Nicanô, cada um na sua profição.

.....

Ora, inté duas patriça noça, inlustres iscrividora de puizia e di romance, as sinhoras donas Jula Lopis di Armeida e Jula Curtine, são a favô do divorço. Diçeram ao homi da "A Noite" qui foram sabê da pinião dellas: — a premera, "eu sou favô"; a sigunda, "eu voto", dona Curtine parece qui é surteira, pruguê arrespondeu cum indicizão, mostrando mais cum iço o dezejo de vê o seu ritratinho no jorná acompanhado de bunitas palavras. Tá *deretu*. Dou-lhe rezão. Dona Jula de Armeida tem o seu maridu, o sinhô Filinto de Armeida, qui, cumo vê em sua digna e inlustre ispoza, uma sinhora di talentu, e pra sê tambem agradavi, não só apoia a pinião da sua ispoza, cumo inté pra mode arreforça mais o modo de pençá della, citô o cauzo do divorço di Napulião. Istará isquicido o inlustre membro da Cadimia de Letra, qui, para o cauzo di Napulião, sempre ouve e inda ha, uma lei toda ispicia, criada para as dinastias que não dão portudo para as suceções?!...

Mesmo odispois de divorçado, o seu Napulião não abandonô a sua amada Josifina aquem tanto elle âmô. Viveram sempre junto, pelo coração, pelo o isprito e pelo o mais ardente âmô.

Eu sou contra o divorçu, seu Redatô, a famia brasileira não merece tamanha injura. Us pais de famia qui abra os oiú.

Inté pra sumana, seu Redatô, si Deus quizê.

C^o Ob^o Att^o

Bonifação Sargado.



—A bancada bahiana diz-se cohesa.
—E' verdade. E' tal e qual as muralhas de S. Marcello.

O Riso

Eu sou feio

I

Eu tenho feito tudo que é possível,
Já não me falta mais sequer um meio,
Para evitar que todos, um por um,
Homens, mulheres, digam que eu sou feio.

II

Em casa, a senhoria, gentilmente,
Cautelosa falando com rodeio,
Na minha frente diz que eu sou bonito
Quando saio, porém, diz que eu sou feio.

III

No restauraut, o dono todo amavel,
Quando petisco ali qualquer recheio,
Se pago bem, sustenta que sou bello,
Se pago mal, resmungua que sou feio.

IV

A lavadeira cheia de cuidados,
Commigo fala sempre com meneio;
Mas, ás vezes, se custo a lhe pagar
Não tem que vêr, diz logo que sou feio.

V

Se a um baile eu vou, disposto a desfructar
O goso que produz um tal recreio,
Descubro até na musica a ironia,
Poiso murmúrio, o som, diz que eu sou feio.

VI

Para valsar, se a qualquer dama eu peço,
Mostrando no pedido o meu enleio,
Muda ella fica e levantando os olhós
Escuto elles dizerem que eu sou feio.

VII

E seja uma menina ou uma velhota,
Tenha ou não tenha palpitante o seio
O meu amor será pelas bonitas,
Embora digam todas que eu sou feio.

VIII

Se num jornal escrevo prosa ou verso,
Modesta inspiração do desvanio,
Não ha quem leia o meu trabalho triste,
Que logo após não diga que eu sou feio.

IX

Mesmo no espelho um inimigo encontro,
Quando o contemplo de descrença cheio,
Porque mal ponho a vista no crystal,
E olhando a cara eu vejo que sou fei.

X

A fortuna sem dó foge de mim,
Manifestando um tetrico receio.
Eu já percebo, ó frivola inconstante,
Decerto tambem achas que eu sou feio.

XI

Até, meu Deus, da minha atroz feiura,
A morte, essa megéra a quem odeio,
Vive a fugir da minha feia cara,
Notando certamente que eu sou feio.

XII

No entanto, neste mundo ha muita gente
Mais feia que eu (e aqui a voz alteio)
Entre esses tolos que se julgam bellos
Eu tenho visto muito bicho feio.

XIII

E assim, leitor, quer seja moço ou velho,
No vosso olhar uma expressão eu leio;
Podem falar, não sou eu só no mundo,
Podem dizer sem susto que eu sou feio.

Escutambufe



Sem rival nas Flores Brancas e
outras melestias das senhoras.

Vidro grande..... 5\$000
Vidro pequeno.... 3\$000

— VENDE-SE EM TODA PARTE —



O caso dos caixotes

Lamenta a sorte sua, um velho trela,
Sorte fatal com que se não conforma,
Pois vendo da brochura sentinella,
Em amores, coitado ! já nã) forma.

—«A pimenta, a cantharida, a canella,
P'ra ver se algo consigo da reforma,
Procuro em vão, mas nada, Gabriella,
Na molleza dos órgãos se transforma.

Quando as lutas começo nunca acabo-as...
Tristonho, vai queixando o tal velhote.
«Apezar de contar do tecto as taboas...»

—«N'este estado!» Gabriella classifica :
—«Parece até o arame dos caixotes,
Pois em vez de crescer, murchado fica.»

Dom Perninhas.



A' CATA DOS CASOS...

Não é muito bem escolhido, ou por outra—bem catado—o caso que hoje vou catar, para inicio d'esta catação semanal. No entanto, se o paciente leitor não gostar da coisa, ou do caso, diga, lá para os pellos do seu toutiço pellado:—Vá-se catar !... — que eu, seu criado Mathias Catta Preta de Las Casas, com todo o recato, dou-lhe um *adeus* !... de mão fechada, no cotovello esquerdo...»

O caso é este, é a catação e a seguinte :

—O que me diz, o feliz e carissimo leitor desse infelicissimo Barata ?..

Certamente, me responderá que lhe sahiu carissima a tentativa de pretender arranjar dinheiro barato; justificando, uma vez mais o velho proloquio:—«O barato sae caro.»

Já é alguma cousa; mas, todavia, não obstante, e contudo, é quasi tanto como... *mala-posta* policial...

Ha mais alguma de muita coisa; que eu, mais que *baratamente*, mas de graça... e sem graça vou relatar :

O pobre do Barata, ante a attitude de *desusada energia* (com permissão do ex-chefão dr. Nilo) das Grandes Autoridades, quasi que... desbarata; mas temeu (e com muita razão) que a brincadeira lhe sahisse mais cara...

A Policia, por sua vez, demonstrando não ser—menina do Collegio, que lê os *Contos da Baratinha*, quasi... ou mesmo foi á cara do Barata...

E, o que mais nos peze é sabermos que o infeliz *caixoteiro*, tinha o louvabilissimo intuito de montar um Grandissimo

Emporio de *Fazendas* e... *modas*, ao alcance das *bolsas* mais ou menos volumosas, e dos bolsos, mais au menos... profundos !...

Cada qual *encara* as coisas a seu modo de vê-las...

Eu, por mim, se fosse bacharel, em em qualquer coisa, prestar-me-hia a ser advogado do inditoso Barata... de meia cara !...

Cáta-céga.



Um grande roubo

Primeira noticia :

Conforme noticiámos, o delegado Nó-cégo conseguiu apprehender..... 745:843\$000 do grande furto praticado contra a Fazenda Nacional pelo bandido Ortiga.

*
**

Segunda noticia :

Não foram 745:843\$000 que a policia apprehendeu, mas simplesmente 25 contos.

*
**

Terceira noticia :

Temos a rectificar as noticias anteriores que demos sobre o grande roubo. A policia descobriu trinta buracos com latas cheias de dinheiro, cuja somma foi mutio exaggerada nos nossos primeiros informes. As latas continham unicamente 5\$000 em moedas de vintem.

Nota importante : A policia continua a cavar.

(Noticias extrahidas d' «O Tempo.»)



Campo Santo do "O RISO"

Lápides Lépidas

ACTOR C. LEAL

Celebrisado *attor comico*

Brazilico-luzitano ;

Ter de ir e vir, de anno a anno,

De Lá p'ra Cá, tanto o abála ;

De Cá pra Lá, tanto opprime-o :

Que, emfim, num Cinematographo,

O Grande Artista... photographo,

Cantando perdeu a fala !...

Ignóttus

O Riso

BASTIDORES



zanna...

Ah! que se lhe dá na telha mandar o premio á fava...

— Afinal, sempre se soube a razão porque o Leal se submetteu á imposição do Paschoal: é que, si sahisse mesmo, ficava a ver por um oculo a passagem para si e para a *esposa*, como elle lhe chama.

Por isso, como a “dignidade artistica” vale menos que duas passagens para Lisboa... deixou-se ficar por ali.

— Mas que grande zaragata fez o Mattos, do S. Pedro, por um simples travesseiro!

E que *valiente* que elle se mostrou, caramba!

— Que bem que está agora a Ermelinda Cabeça á Banda, sim senhor! Não precisa pôr os pés em scena e tem o ordenado pago em libras...

Isto é que é ter sorte!

— Sempre queriamos que a Thereza Nunes nos dissesse porque não entrou nos «Democraticos», em companhia da Leonor, no baile de sabbado ultimo...

Teve medo do *papão*?

— Informam-nos que o Leonardo Feijão Fradinho está prestes a ser pae...

Diz o Alberto Ferreira que isso acontece porque a «Mascotte» pregou a partida ao Leonardo...

— Ao que consta, já estão correndo os proclamas para o *casamento* do Gabriel com a Maria Amor...

E' muito provavel até, que, ao darmos esta noticia, já elles se tenham... *casado* á vontade...

— Está muito triste a Lucilia Sarah Bernard, do Pavilhão, porque já não pôde mais contar com a protecção do Leal, que lhe prometteu fazel-a *estrella*.

Não é verdade, ó Lagos?

— Disse-nos o Raposo que as suas collegas Julia Graça e Maria do Venancio fizeram uma aposta, a ver qual, das duas faria primeiro a barba.

Garantiu-nos o Alvaro d'Almeida que o «premio de virtude» está sendo este anno disputado pela sua collega Gina Sant'Anna, que para isso está empregando todos os esforços, apesar do muito que lhe custa fazer de *Casta Suzanna*...

Si ellas sabem que elle nos disse isso, ai! que pagode!

— Afinal, a Ermelinda é uma finoria de marca... e faz as suas *fitas* muito bem feitas, isso faz!

O diabo é que não sabe fazel-as na calada; dá muito com a lingua nos dentes e depois...

— Pelo que nos disse a Maria Amelia, do S. Pedro, a sua collega e *chará* Reis está aqui está uma *advogada* de mão cheia...

Tanto melhor para ella, e a *pequena* nada tem com isso.

— Esteve em nosso escriptorio o actor Thomaz Vieira, que nos veio solicitar uma rectificação, dizendo não ser elle, mas sim o seu collega Pinna quem está em uso do *Mucusan* para curar a *defiuxeira* que apanhou...

Está satisfeito o seu pedido.

— Garantiu-nos o José Alves que a Judith Amor Sem Pescoço tem-se fartado de comer *fressuras* ultimamente com a Maria Amor Sem Olhos.

Naturalmente o Alves não ia agora inventar isso.

— O' Leal, torna a mandar entrar os amigos para a caixa, anda.

Agora, filho, manda quem pôde...

— Diz o Ferreira d'Almeida que o Leonardo já pensa em vender os filhos... da «Mascotte» a razão de 50\$ cada um.

Grande desalmado!...

— Pediram-nos para perguntar á actriz V. Santos porque motivo faz questão de ter ao pé de si uma escarradeira, sempre que chupa canna doce.

O pedido ahi fica. A resposta pôde ser dada verbalmente ao Alberto Ferreira.

— Disse-nos o Madureira que o seu collega Soares está a ganhar por dois carrinhos: conio corista e como «alca-goita».

Diz mais o Madureira que elle acaba sendo o Soares Mangueira 2º.

— Já está, felizmente, completamente restabelecida a actriz Medina de Souza, a quem já tivemos o prazer de ver pelo braço do Henriquinho...

Tout c'est bien qui fini bien...

Formigão



Au Bijou de la Mode — Grande deposito de calçados, por atacado e a varejo. Calçado nacional e estrangeiro para homens, senhoras e crianças. Preços baratissimos, rua da Carioca n. 80. Telephone 3.660.



SUPREMO ABRAÇO

ROMANCE D'AMOR

POR

VICTORIEN DU SAUSSAY

CAPITULO III

Chegados á rua, o homem continuou :

—E' o senhor que está com Leontina ?

—Leontina ?

—Sim. Dizem que mudou de nome.

Em todo o caso, a mulher com quem se acha aqui é a filha do tio Germano, e chama-se Leontina.

—Tem razão, agora me lembro...

—Pois bem, amo Leontina...

—O senhor ?

—Eu, sim. Ha quatro ou cinco annos, meu pae pediu-a em casamento, para mim. A rapariga fugiu para Paris. Não a tornei a ver depois disso. Hontem á noite, o tio Germano foi á nossa casa e annunciou-me a chegada da filha ; parece que não casou ainda... então, como tambem sou solteiro, quero desposal-a.

—Mas, parece-me, não é a mim que se deve dirigir, sou apenas um dos melhores amigos de Leontina, que é absolutamente senhora das suas acções... Comtudo, deixe-me prevenil-a ; receio muito que a sua proposta não seja accépta. Habituada a viver de uma maneira muito differente da sua, acostumada a uns requintes de luxo, que a si, lhes são desconhecidos, devéras independentes, parece-me pouco propria para se tornar sua mulher... Mas annunciar-lhe-hei a sua visita, dar-lhe-hei parte do seu desejo, e se ella quizer recebê-lo, poderá proceder como lhe approuver.

Sem duvida, tudo o que o rapaz me dissera, divertia-me extraordinariamente. E prometia a mim mesmo rir, a bom rir, da aventura com a minha linda amante. Aquella paixão com que ella não contava, aquella apparição de um namorado esquecido, iam entreter os dois ou tres dias que desejavamos permanecer ainda em Montrichard, e seria para nós uma verdadeira distração.

Contei fielmente portanto, a historia a Marcella de Saint Germain. Em vez de rir enterneceu-se bastante, e, muito simples, sem sombra de garridice, exclamou :

—Pobre rapaz !

Os meus olhares perdiam-se vagamente, muito distante ; pensava n'esse amor de camponio, nascido e creado no meio daquella natureza rustica e que lhe permanecera fiel.

Quiz vel-o immediatamente.

—Sim, sim, vae buscal-o, vae, meu querido.,.

Obedeci. Mas, de subito, despertou-se em mim um germen de ciume. Tive medo daquelle bello rapaz, verdadeiro hercules antigo, que ostentava tão magnificamente a força sadia, ãa robustez do corpo e na franqueza do olhar.

—Leontina Germain deseja vel-o, pediu-me para o conduzir junto d'ella,—participei a Lourenço.

Seguiu-me.

Com a maior amabilidade, estendendo-lhe a mão e tratando-a por tu como dantes, Marcella disse-lhe :

—Não me quizeste esquecer, meu pobre Emilio ! Estou muito contente por te lembrares de mim. Pedes-me então em casamento ? Julgava-te casado ha muito tempo...

Sem se preoccupar commigo, em pé, junto da janella, o homem respondeu que a amava.

Fiquei estupefacto ao ouvir a sua voz impregnada de paixão, e senti-me envergonhado por nunca ter sabido encontrar as phrases que elle pronunciava nem o tom commovido com que dizia estas palavras de amor.

—Quando meu pae foi procurar o teu e pedir-lhe para nos casarmos, amava-te muito e havia longo tempo. Eras quasi pobre e eu um dos camponezes mais ricos da terra. Mas foi o contrario, fugiste. Desde esse tempo soffri muito. Achavas-te em Paris, mas Paris é grande; é longe. Deixei-me ficar e esperei-te. Não quiz casar, para estar livre, se voltasses. Diziam-te feliz, sem o saber, porque nunca destes noticias ; se fosses desgraçada, não estarias muito tempo sem voltar para casa de teu paes.

(Continúa.)